

A perspectiva da luta

Este livro é um apelo pela politização da questão animal com base em um marxismo levemente “feralizado”. Essa causa é urgente, porque não importa se a questão é a caça, os zoológicos, o circo ou testes em animais, não importa se o problema são peles, *foie gras* ou pecuária industrial, não importa se o que está sendo criticado é a caça às baleias, o transporte de animais ou mesmo a produção completamente normal de carne — poucas coisas despertam nossos corações tanto quanto os animais.

Apesar disso, ao invés de prover as forças mais progressistas pela mudança social com mais investigações e com respostas mais profundas, que fossem além das promessas do liberalismo, as abordagens marxistas seguem atrás delas, se arrastando. Tanto em sua análise do papel dos animais no capitalismo quanto em sua crítica do *status quo* dos animais em sociedades específicas, a esquerda muitas vezes lembra uma retaguarda triste e perplexa.

Isso é ainda mais verdadeiro a respeito do marxismo que, quando se trata de animais, nunca se emancipou dos discursos liberais burgueses — se é que tal marxismo teve em algum momento algo progressista a dizer sobre o assunto que fosse além das platitudes ingênuas hegelianas ou idealistas-humanistas. O que Paul B. Preciado diz acerca do feminismo também se aplica à história do movimento dos trabalhadores. Vozes internas a esse movimento foram inicialmente marginalizadas e, então, esquecidas, de modo que agora elas parecem “estranhas”. Assim, o ponto aqui é refletir acerca de alguns fundamentos centrais do debate político sobre os animais e oferecer uma interpretação diferente sobre eles, a partir de uma perspectiva marxista.

Se, por um momento, colocarmos de lado tais marxistas incorrigíveis para quem o socialismo consiste na completa e perfeita dominação e exploração dos animais, e ignorarmos os ultra-humanistas que se recusam a falar sobre os animais enquanto todos os problemas humanos não tiverem sido resolvidos de uma vez por todas, a maioria das pessoas provavelmente concordaria que os animais devem ser protegidos contra excessos ou contra a violência extrema. Essa frente política é marcada principalmente por duas abordagens diferentes: em primeiro lugar, os defensores do bem-estar animal querem gradualmente melhorar o destino dos animais; e, em segundo lugar, os ativistas dos direitos dos animais e liberacionistas dos animais visam abolir a propriedade de animais.

Mas, independentemente de serem defensores do bem-estar animal ou ativistas dos direitos dos animais, uma coisa une ambos os lados desta linha de frente: os animais são vistos como vítimas passivas das desgraças do mundo. Filosofias morais contemporâneas também ocupam este ponto arquimediano quando consideram animais como “pacientes morais” dependentes, em oposição aos humanos autônomos como “agentes morais”; essa posição também foi tomada por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na sua *Dialética do Esclarecimento* (1947), em que eles descreveram o tratamento dos animais como um aspecto essencial da dominação interior e exterior da natureza.

Aqui, tais posições acerca da questão animal serão confrontadas com outro ponto de vista: pensar a história e a presença dos animais *da perspectiva da luta*. Se, como se diz frequentemente, Marx virou a dialética idealista de Hegel de cabeça para baixo, de modo a fundamentá-la materialmente, isso ainda não vai longe o suficiente — essa base deve ter também cascos e patas. Todo o aparato de cercas, jaulas, currais e sistemas de vigilância e monitoramento é uma resposta à monstruosa agência dos animais e um testamento ao seu poder formador de mundo, em oposição ao pensamento usual acerca deles em termos de deficiência (pouquíssima competência linguística, pouquíssima capacidade de abstração, pouquíssima habilidade para fazer planos, e assim por diante).

Eu proponho conceber os animais como agentes políticos de resistência e entender a resistência animal como um motor para modernizar formas capitalistas de produção. Aqui, os animais serão pensados não como tendo metade da inteligência ou um quarto da criatividade dos humanos, como as ciências populares gostam de fazer, nem como sendo entidades secundárias sem sua própria qualidade de existência, mas como poderosos coprodutores do mundo.